

||||| ||| ||| |||
julliano mendes

Ouro
Preto
Editora

s flores

AMORES E DORES
NO PAÍS DAS FLORES

Juliano Mendes

Amores e dores no país das flores

Título original

Amores e dores no país das lfores, de Julliano Mendes

1. Literatura dramática
2. Dramaturgia brasileira
3. Teatro brasileiro

Julliano Mendes
www.jullianomendes.com (Julliano com dois L's)
gruporesidencia@gmail.com

Sumário

Commedia Dell’art Colonial Brasileira.....	6
AMORES E DORES NO PAÍS DAS FLORES	9
CENA 1: PRÓLOGO. TODOS	10
CENA 2: AS DÍVIDAS DE JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER.....	11
MÚSICA: NINGUÉM É DE NINGUÉM 01.....	17
CENA 3: O AMOR PROIBIDO DE TIADORIM, A FILHA DO PREFEITO...18	
MÚSICA: NINGUÉM É DE NINGUÉM 02.....	20
CENA 4: A CARTA DE AMOR DE HÉRMIA.....	21
MÚSICA: NINGUÉM É DE NINGUÉM 03.....	22
CENA 4: O POEMA DE AMOR DE HORTELINO, AQUELE QUE TEM O QUEIXO FINO.	23
MÚSICA: NINGUÉM É DE NINGUÉM 04.....	25
CENA 5: OS VILÕES DA HISTÓRIA, ENFIM, SÃO DESCOBERTOS.....	26
CENA 6: UM AMOR INCOMPREENDIDO.....	28
MÚSICA: NINGUÉM É DE NINGUÉM 05.....	31
CENA 7: OUTRO AMOR INCOMPREENDIDO.....	32
MÚSICA: A CANÇÃO DE HÉRMIA À BEIRA DA LOUCURA.....	34
CENA 8: DUAS MORTES E O NOVO AMOR.	35
CENA 9: JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER MORREU?.....	42

CENA 10: O MÉDICO.....	48
CENA FINAL: O AMOR VENCE NO FINAL.....	54
MÚSICA: ASSIM TERMINAM A HISTÓRIA DE UM AMOR.....	62
23. CENA: FINAL FELIZ? DÉCIO E JUVENAL. RUA.	63
24. CENA: FINAL DEFINITIVO. MÚSICA. TODOS.....	65
DRAMATURGIA DE JULIANO MENDES.....	66

Commedia Dell'art Colonial Brasileira.

Este texto foi escrito numa disciplina de dramaturgia do curso de bacharelado em direção teatral, ministrada por Elvina Caetano. A proposta era adaptar canovaccios de commedia dell'art para textos curtos. Escolhi "A Falta com a Palavra Dada", um roteiro de ações de oito páginas, que narrava as desventuras de um comerciante riquíssimo de Veneza dado como morto e de seu criado, que temia ter o mesmo destino.

Decidi ambientar a ação numa Vila Rica de outrora, fazendo releituras dos caracteres clássicos da commedia dell'art para arquétipos do período colonial brasileiro, traçando uma correspondência empírica e irresponsável, considerando o Brasil colônia como a idade média desse país.

Rapidamente meu texto foi perdendo uma relação com o enredo do canovaccio e ganhando novas soluções dramaturgicas. Nas correspondências irregulares que se estabeleceram, fui tecendo uma história repleta de quiproquós. E pesando a mão em referências culturais sem nenhuma conexão possível. José da Silva Xavier, o Tiradentes, Diadorim, de Guimarães Rosa, Romeu do "Romeu e Julieta" do Galpão, que eu considero a principal montagem de rua do teatro brasileiro, Hérnia, de Shakespeare, embora a personagem esteja muito mais alinhada à sua amiga e rival Helena, de "Sonho de Uma Noite de Verão". Inspirado na "Quadrilha", de Drummond, a sinopse da montagem ganhou a seguinte descrição: Hortelino, Aquele que Tem o Queixo Fino ama Diadorim, a filha do prefeito, que ama Romeu, que também é amado por Hérnia, que é amada por Juvenal, que é cúmplice dos planos de Décio para roubar a fortuna de seu patrão, Joaquim José da Silva Xavier, que ama seu dinheiro que misteriosamente sumiu. Ninguém é de ninguém!

A primeira montagem estreou em janeiro de 2015, e desde então, foi a montagem mais bem sucedida, em termos de circulação, do Grupo Resid(ê)ncia, minha companhia de teatro, viajando por diversas cidades e eventos nacionais. Sua realização foi possível graças ao Prêmio Funarte Artes da Rua 2014 e à parceria com os atores. Agradeço imensamente a Eduardo Miele, Marcos Ferreira e Luciana Pereira, integrantes do primeiro processo de montagem e a Dalila Xavier, Francisco Minervino e Thiago Meira, que compuseram o elenco definitivo. Agradeço, principalmente, a Haylla Rissi, que viveu comigo, com muita cumplicidade, a crise – necessária e produtiva – que resultou na substituição do elenco pouco antes da estreia.

Julliano Mendes*



** Julliano Mendes é ator, diretor e dramaturgo. Vocalista do Galanga, banda mineira de rock afrogressivo. É mestre em Estudos da Linguagem pelo departamento de letras da Universidade Federal de Ouro Preto, onde defendeu a dissertação "Do íntimo ao público: adaptação de textos não dramáticos para o teatro". Fundou, em 2001, o Grupo Residência Teatro e Audiovisual, produzindo oito espetáculos. Em 2020 lançou o romance Um Circo, pela Editora Ouro Preto. Sua produção literária pode ser conferida no site www.jullianomendes.com. Atente-se que Julliano é com dois L's.*

AMORES E DORES NO PAÍS DAS FLORES

PERSONAGENS:

Décio
Juvenal
Joaquim José
Capitão Princa
Diadorim
Romeu do Romeu e Julieta do Galpão
Hérnia
Hortelino
Cavalo com C maiúsculo

CENÁRIO:

Locais diversos de uma Vila Rica de outrora.

CENA 1: PRÓLOGO. TODOS

Contaremos uma história de amor
bem diferente das que vocês já conhecem
amor arrebatador
confusão patifaria
malandragem, tirania
tudo posto em mesmo saco
só podia dar barraco
como este aqui

foi num tempo que o tempo já levou
um tirano que era rico empobreceu
a vida é sempre assim
o que era muito vira pouco
menestrel que pende rouco
o que era mar um dia seca
todo santo também peca
vejam vocês!

CENA 2: AS DÍVIDAS DE JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER.

DÉCIO - Patrão, chegou a correspondência.

JOAQUIM JOSÉ - Ai! Não me conta se for uma conta.

DÉCIO (examinando as cartas) - Tudo bem. Então não conto.

JOAQUIM JOSÉ - Por quê? É uma conta?

DÉCIO - Eu conto?

JOAQUIM JOSÉ - Conta!

DÉCIO - Não é uma conta.

JOAQUIM JOSÉ - Aleluia!

DÉCIO - São várias contas!

JOAQUIM JOSÉ - Tem desconto?

DÉCIO - Não conte com isso.

JOAQUIM JOSÉ - Conta, conta, conta. Agora que meu dinheiro sumiu, não tenho como descontá-las.

DÉCIO - Ainda não entendo como uma soma tão grande de dinheiro pôde desaparecer assim.

JOAQUIM JOSÉ - Eu entendo: Hoje os larápios multiplicam-se rapidamente. Em cada esquina um, dois, três ladrões. E olha que a cada dia nos surgem mais e mais esquinas. O que mais me assusta é que esses ladrões podem estar dentro de nossa casa. Bem à nossa frente. Você.

DÉCIO - Eu???

JOAQUIM JOSÉ - Você... imagine a minha desgraça quando fui remexer nas falsas latas de açúcar para pegar meu dinheiro e o que encontro: açúcar! Logo eu, que sou diabético.

DÉCIO - Patrãozinho querido, eu posso resolver seu problema.

JOAQUIM JOSÉ - Você pode encontrar meu dinheiro?

DÉCIO - Não, eu posso comer o seu açúcar.

JOAQUIM JOSÉ - Pois abra essas contas, seu imbecil e não azede o meu dia com sua estupidez.

DÉCIO - Vamos lá. Esta aqui é do padeiro. Disse o pão e o leite estão cortados.

JOAQUIM JOSÉ - Ai!

DÉCIO - Esta é do farmacêutico. Disse que os remédios para a coluna estão cortados.

JOAQUIM JOSÉ - Ai! Ai!

DÉCIO - Esta é do açougueiro. Disse que o bife está cortado.

JOAQUIM JOSÉ - Oba!

DÉCIO - Mas não será entregue.

JOAQUIM JOSÉ - Ai! Ai! Ai!

DÉCIO - Ei, que maravilha, essa aqui não é uma cobrança.

JOAQUIM JOSÉ - Que maravilha digo eu. O que é então?

DÉCIO - É uma ameaça. Diz:

Entra em cena o Capitão Princa.

CAPITÃO PRINCA - Desprezado Joaquim José Da Silva Xavier, há anos desconfiamos que o tal Alferes Tiradentes, enforcado no Rio de Janeiro pela coroa portuguesa era você. Aquela história de cabeça desaparecida dentro de uma gaiola sempre nos pareceu, enfim, muito estranha. No entanto, na última hora o senhor fez um acordo com a coroa portuguesa, oferecendo tratamento odontológico vitalício para toda corte em troca da vida. Para que ninguém desconfiasse, abandonou o apelido de Tiradentes e começou a usar apenas

o nome de batismo, porque ninguém sabe que Tiradentes na verdade se chama Joaquim José da Silva Xavier. Depois, o senhor enriqueceu, emprestando dinheiro a juros. E, quando alguém pensou em processar-lhe por falsa identidade, não pôde, por que, em pouco tempo, toda Vila Rica lhe devia dinheiro. Seu projeto de poder funcionou. O mártir da inconfidência mineira virou, quem diria, um velho sovina, rabugento e poderoso. Agora que soubemos do desaparecimento de sua fortuna, desaparece, também, o seu poder. Assim, se você não quer ser novamente enforcado, os órgãos dilacerados e os membros expostos em praça pública (e desta vez com cabeça) você tem dez para arrumar suas coisas, abandonar a casa e deixar a cidade.

JOAQUIM JOSÉ - Dez? Dez o quê? Dez semanas? Dez dias? Dez horas?

CAPITÃ PRINCA - Nove... oito... sete...

Sai o Capitão Princa.

JOAQUIM JOSÉ - Desgraça! Maldição! Parece que toda cidade já sabe de minha tragédia e nenhum desgraçado oferece a mão caridosa para tirar-me deste atoleiro.

DÉCIO - Pois, meu patrãozinho, eu vim trazer minhas mãos caridosas para tirar o senhor deste atoleiro!

JOAQUIM JOSÉ - E o que você me oferece, alma caridosa?

DÉCIO - Todas as suas roupas, meu senhor, enroladas num saco, para que o senhor possa fugir o mais rápido possível.

JOAQUIM JOSÉ - E porque você não colocou minhas roupas em minhas malas parisienses, seu animal?

DÉCIO - Porque as malas parisienses foram empenhadas na dívida com o banco espanhol.

JOAQUIM JOSÉ - Então pegue minha bengala chinesa.

DÉCIO - A bengala chinesa levei na semana passada ao marceneiro alemão para reforma e ele disse que não devolve enquanto as dívidas referentes ao concerto do guarda roupa russo, da mesa de jantar italiana e da porta do banheiro dos fundos não forem saldadas.

JOAQUIM JOSÉ - O que sobrou então?

DÉCIO (tirando açúcar do bolso) - Um pouco de açúcar.

JOAQUIM JOSÉ - Décio! Chega de perder tempo com você. Vou fugir. Logo agora que Hortelino, que tem o queixo fino, meu filho, estava prestes a se casar com Diadorim, a filha do prefeito. Preciso ir a algum lugar seguro, encontrar um meio de reaver meu dinheiro, voltar, prender este larápio sem vergonha... Espere um minuto! Décio: porque você tem os bolsos cheios de açúcar?

Música de tensão. Batem à porta, com veemência.

DÉCIO - Pode ser um cobrador... ou todos os cobradores... ou o próprio capitão Princa, enfurecido, como sempre. Ou todos juntos! Não há mais tempo a perder. Tome sua mala, digo, seu saco e vá pela portas dos fundos. Vá ao Rio de Janeiro, pela estrada real e procure por Joaquim Silvério, meu irmão, que lhe dará pousada e jazigo, digo, abrigo.

Joaquim sai. Entra Juvenal

JUVENAL - Então, funcionou?

MÚSICA: NINGUÉM É DE NINGUÉM 01.

Fulano
que amava Beltrano
Que amava Cicrano
que amava um caolho
que amava repolho
pra peidar fedido
e amava escondido
a própria irmã
que acometida de febre terçã
foi empacotada
inviolada
e não amou ninguém

Ninguém é de ninguém
Ninguém é de ninguém
Ninguém é de ninguém
Ninguém é de ninguém

CENA 3: O AMOR PROIBIDO DE TIADORIM, A FILHA DO PREFEITO.

DIADORIM - Romeu do Romeu e Julieta do Galpão, meu amor, chegou o dia mais triste da face da terra. Não sei como lhe contar isto. Sei que você não se calará. Mas ainda assim, sabendo que seu desespero será enorme, vou lhe contar: finalmente foi marcado meu casamento com Hortelino, que tem o queixo fino.

ROMEU DO ROMEU E JULIETA DO GALPÃO - Ó, minha amada, minhas mãos tremem, minha perna fraqueja, meu coração por ti gela.

DIADORIM - E você, mais do que ninguém, Romeu do Romeu e Julieta do Galpão, sabe que eu odeio queixo fino.

ROMEU DO ROMEU E JULIETA DO GALPÃO - Ó, minha amada, minhas mãos tremem, minha perna fraqueja, meu coração por ti gela.

DIADORIM - E você sabe que eu amo você.

ROMEU DO ROMEU E JULIETA DO GALPÃO - Ó, minha amada, minhas mãos tremem, minha perna fraqueja, meu coração por ti gela.

DIADORIM - Por isso, tive uma ideia, e estou ansiosa para ouvir suas reflexões, suas palavras tão sensatas. Ouça-me

bem: vou me disfarçar de homem e dissuadir Hortelino, aquele que tem o queixo fino, de casar-se comigo, dizendo a ele que eu, Diadorim, sou uma rapariga enlouquecida, uma louca desvairada, que eu tenho cancro mole... calma, meu amor. Isto não é de todo verdade. É apenas uma forma de fazer com que ele desista do casamento.

ROMEU DO ROMEU E JULIETA DO GALPÃO - Ó, minha amada, minhas mãos tremem, minha perna fraqueja, meu coração por ti gela.

DIADORIM - Excelente ideia, meu amado, é melhor estar morta que mal falada. Vou fingir que eu morri, até que ele encontre outra pretendente, talvez a própria Hércia, minha ex-amiga, que me odeia porque te amo. Neste tempo poderei encontrar-te em segredo, como homem. Ó Romeu do Romeu e Julieta do Galpão, o que seria de mim sem suas sábias palavras?

MÚSICA: NINGUÉM É DE NINGUÉM 02.

Menina
Que amava outro homem
Que não era gay
Mas dizem, comentam, cochicham
Não sei
Que na madrugada
De saia, espartilho e unha pintada
E salto, peruca e perfume na nuca
Veja só você
Amava exhibir-se em bundalelê
Pro vizinho da frente
Que era impotente
E não amava ninguém

Ninguém é de ninguém
Ninguém é de ninguém
Ninguém é de ninguém
Ninguém é de ninguém

CENA 4: A CARTA DE AMOR DE HÉRMIA.

HÉRMIA - Romeu do Romeu e Julieta do Galpão, tu que és o mais inteligente e versátil dos homens, tu que fazes com que meu coração palpite de euforia e êxtase quando proferes palavras tão doces e belas, tu que amparas meus pensamentos absortos quando, à janela, ouço o cantar desafinado de minha cotovia cambota, ó meu amado eterno, peço-te que me cortejes, como Romeu a Julieta, como Abelardo a Heloisa, como o sol a lua, ou serás tu o cortejado, como Julieta a Romeu, como Heloisa a Abelardo, como a lua ao sol. Mas cortejar-te-ei em frente a teus amigos e teus familiares e isto será motivo de zombaria e gracejos, dado o machismo indulgente em que estamos submersos. Se isto não funcionar, serei obrigada a traçar um plano radical, onde paixão e loucura serão a mesma substância cósmica. Como? Você pergunta, os tímpanos sedentos de resposta e os lábios sedentos de meus beijos. Então, respondo: Sequestrar-te-ei, minha vida e levar-te-ei para uma ilha paradisíaca, onde nossos corpos poderão entoar cânticos mágicos de amor e prazer. Experimentando a seiva que mora em tua flauta doce serei renovada, feliz e eternamente jovem. Se tudo isto não funcionar irei buscar meu irmão no Rio de Janeiro, que luta espada e trabalha como carrasco nas horas vagas, para que te mate sem dó e que me traga a tua flauta doce como recordação. Meu amado, quando o amor é verdadeiro ele deve ir às últimas consequências. Com amor, desejo e ódio, Hércia.

MÚSICA: NINGUÉM É DE NINGUÉM 03.

Moçoila

De um metro e noventa

Que amava um anão

Que tinha um caralho que dava no chão

E amava a jumenta

Magrela, sardenta

Dum jovem rapaz

Que amava, adorava, gostava demais

Da moça perdida

De vida bandida

E fogo no cu

Que deu em seu pai o golpe do baú

E não amava ninguém

Ninguém é de ninguém

Ninguém é de ninguém

Ninguém é de ninguém

Ninguém é de ninguém

CENA 4: O POEMA DE AMOR DE HORTELINO, AQUELE QUE TEM O QUEIXO FINO.

HORTELINO - Diadorim, minha amada noiva
Quero me casar com você
Sou limpo, não tenho cecê.

Ó Diadorim, ó!
Tenha de mim dó

Diadorim, linda menina /
Adoro sua cara rosada
Quero lhe ver minha amada.

O amor por você
é o que de mais forte sinto
Se não gosta do meu nariz
Fique com meu...

Não. Não mesmo. Não posso falar a palavra pinto num poema. Então vamos lá, volta a mim inspiração poética. Isso, vem, tá quase... chegou!

Case-se comigo Diadorim
E nunca mais será infeliz
Se não gostas de meu queixo
fique com meu nariz.

Assinado: Hortelino, seu menino
que tem o queijo fino.

MÚSICA: NINGUÉM É DE NINGUÉM 04.

Princesa

De um reino distante

Que amava um gigante

Que amava a careca do grilo falante

Que amava Cinderela

Que era tão bela

E amava um plebeu

Que amava as canelas do jovem Romeu

Mas quem tanto amava no fim se fudeu

Debaixo da terra

O amor se encerra

Não ama ninguém

Ninguém é de ninguém

Ninguém é de ninguém

Ninguém é de ninguém

Ninguém é de ninguém

CENA 5: OS VILÕES DA HISTÓRIA, ENFIM, SÃO DESCOBERTOS.

JUVENAL - Você tem certeza que funcionou?

DÉCIO - Tenho. Agora só falta dizer a Hortelino, que tem o queixo fino, que seu pai está morto, que nunca mais voltará a Vila Rica e que, devido a sua pouca idade, serei eu a possuir os bens do velho. Assim, meu caro amigo Juvenal, ficarei rico.

JUVENAL - E serei eu seu primeiro criado.

DÉCIO - Sim, subirás de posto, meu amigo.

JUVENAL (*À parte*) - Assim, talvez seja mais fácil convencer a doce Hércia a casar-se comigo. (*À Décio.*) E o velho está realmente morto?

DÉCIO - Estamos no inverno, o velho não resistirá mais de dois dias no frio que se segue. E ainda, se sobrevivesse, não retornaria, porque teme os credores. E tem mais: caso chegue ao Rio de Janeiro, Joaquim Silvério, a quem recomendei Joaquim José, é o pior bandido de quem se tem notícia. Primeiro, ele fingirá amizade. Depois irá trair o velho com um beijo, então, irá matá-lo impiedosamente, na forca.

JUVENAL - Você é a pessoa mais esperta do mundo.

DÉCIO - E agora rica. Mas onde foi que você guardou o dinheiro?

JUVENAL - Deixei no quarto de Hortelino, dentro do colchão.

DÉCIO - Meu Deus, precisamos tirá-lo do quarto urgentemente. Ele está dormindo, vá lá fora, bata na janela dele e fale que o chamam na casa de Diadorim, pra resolver problemas referentes ao casamento. Casamento este que, acredite, nos fará ainda mais ricos!

JUVENAL (*À parte*) - Antes, faço questão de ir contar as novidades à minha amada Hérnia.

CENA 6: UM AMOR INCOMPREENSÍVEL.

JUVENAL - Minha amada, juro que é verdade: eu serei o primeiro empregado da casa dos Silva. Assim poderemos nos casar.

HÉRMIA - Então, o primeiro será o último. O último com quem me casaria!

JUVENAL - Você fala assim, mas não conheço mulher que tenha resistido aos prazeres do dinheiro, das joias e do conforto.

HÉRMIA - Como também não conheço mulher que tenha sucumbido aos desprazeres do mau hálito, do cecê e da frieira.

JUVENAL - Meu amor, dizem que com dinheiro tudo se corrige.

HÉRMIA - Quem vê sua cara não vê correção.

JUVENAL - Mas um beijo seu teria em mim o mesmo efeito que transformou o sapo em príncipe.

HÉRMIA - Preferia transformar algum príncipe em sapo e casar-me com ele.

JUVENAL - Deixa então eu ser seu sapo. Você será minha perereca. Me dá um beijo, sua perereca. Me dá, sua perereca!

HÉRMIA - Não dou!

JUVENAL - Eu pago.

HÉRMIA - Não vendo.

JUVENAL - Me empresta, então.

HÉRMIA - Meu Deus, isto é um carma? Quando você vai desistir de me cortejar?

JUVENAL - Nunca. Principalmente agora, que o velho Joaquim José bateu as botas e eu serei o primeiro empregado da casa dos Silva.

HÉRMIA - E o velho Joaquim José morreu?

JUVENAL (*À parte*) - Não sei se já era hora dela saber disto, mas em todo caso não há mais como recuar: já pulei no abismo. (*Á Hérmia*) Morreu, pobre patrão.

HÉRMIA - E como se deu esta misteriosa morte?

JUVENAL - Como? Bem... Primeiro ele se jogou do alto de uma ponte, depois tomou toda qualidade de venenos pra rato disponíveis no porão, que, como todos sabem, é infestado de ratos. Aí, já moribundo e quase sem forças, deu um tiro na cabeça.

HÉRMIA - Que linda essa morte horrorosa. Agora me deixe em paz, porque preciso ver meu verdadeiro amor.

JUVENAL - Pois abra bem os olhos e veja: seu verdadeiro amor sou eu! Quando eu tiver mais dinheiro, vou comprar seu dote, quer você queira, quer não!

HÉRMIA - Ora Juvenal, espero então que você seja pobre o resto da vida. Até nunca mais!

Sai.

JUVENAL - Ah! As desventuras de um amor não correspondido!

MÚSICA: NINGUÉM É DE NINGUÉM 05.

Quem ama
Na pia, no banho, na pedra, na cama
E quer ao amado, coitado, prender
Vai logo saber
Amor é a festa da congregação
Da farta união
Entre um, entre dois, entre mais de um milhão
Troca troca, suruba, troca de casal
Feroz bacanal
Assim é a vida, melhor aprender
Pra nunca sofrer
Só bem se dá quem sabe bem
Que ninguém é de ninguém

Ninguém é de ninguém
Ninguém é de ninguém
Ninguém é de ninguém
Ninguém é de ninguém

CENA 7: OUTRO AMOR INCOMPREENSÍVEL.

HÉRMIA - Meu amado, estou aqui, agarrada a teus pés, desprezada do meu orgulho de família quatrocentona, desprezando o nome de meu pai, por um amor que fosse maior não caberia nesta sala, nem nesta cidade, talvez o planeta fosse pequeno para comportá-lo, e nada?

ROMEU DO ROMEU E JULIETA DO GALPÃO - Ó, minha não amada, minhas mãos não tremem, minha perna não fraqueja, meu coração por ti gela, não.

HÉRMIA - Não seja assim tão frio com quem lhe ama fervorosamente, Romeu do Romeu e Julieta do Galpão. Não seja um monstro, sinta o salgar de minhas lágrimas grossas, sabe de onde vêm estas lágrimas? De meu coração, e não me surpreenderia ao vê-las avermelhadas, salpicadas com o sangue encarnado de um amor rejeitado, massacrado, relegado às últimas esperanças de uma mulher em crise.

ROMEU DO ROMEU E JULIETA DO GALPÃO - Ó, minha não amada, minhas mãos não tremem, minha perna não fraqueja, meu coração por ti gela, não.

HÉRMIA - Você sabe que esta é sua última chance. Se não me cortejar agora, Romeu do Romeu e Julieta do Galpão, vou à capital buscar meu irmão!

ROMEU DO ROMEU E JULIETA DO GALPÃO - Ó, minha não amada, minhas mãos não tremem, minha perna não fraqueja, meu coração por ti gela, não.

HÉRMIA - Foi você quem pediu, monstro. Meu irmão vai estraçalhar-lhe a auto confiança. Esteja preparado para o pior, Romeu do Romeu e Julieta do Galpão!

MÚSICA: A CANÇÃO DE HÉRMIA À BEIRA DA LOUCURA.

Ansiedade
angústia
depressão
o inverno vai chegando escurecendo a noite
do meu prazer
ai! quanta nuvem vai chover?
não! eu vou chorar
desfalecer
despedaçar-me em partes mil de mim
e cada parte um rancor em si

dividido e multiplicado
do tamanho exato da indignação
que me toma o sangue, envenena o sangue
e faz de meu peito partes mil de

ansiedade
angústia
depressão
o inverno já chegou escurecendo a noite
do meu prazer
ai!

CENA 8: DUAS MORTES E O NOVO AMOR.

Juvenal e Diadorim encontram-se em frente à janela de Hortelino.

JUVENAL - Com licença, meu senhor, mas já não lhe conheço de algum lugar?

DIADORIM - Acho que não, sou novo por aqui.

JUVENAL - Podia jurar que já o vi por essas redondezas...

DIADORIM - É possível. Mas pertenço a outra região.

JUVENAL - Que região?

DIADORIM - Acho que não a conhece...

JUVENAL - Como sabe se não a conheço se ainda não me disse o nome?

DIADORIM - Porque sou de uma região desconhecida do mapa.

JUVENAL - Que coincidência! Pois recentemente fiz, a mando de meu patrão, um curso completo chamado "O mapa das regiões desconhecidas do mapa". Eu lhe disse: mas patrãozinho, esse curso não vai me valer de nada. Ele respondeu: mas é grátis. Pois bem, vejo que agora ele me será útil: de qual região desconhecida do mapa você é?

DIADORIM - Não vai acreditar, sou de uma região desconhecida do mapa das regiões desconhecidas do mapa.

JUVENAL - Meu Deus! Então ela deve ser muito bem desconhecida.

DIADORIM - Você não imagina o quanto...

JUVENAL - E o que uma pessoa de um lugar tão desconhecido faz num lugar tão conhecido como este?

DIADORIM - Eu? Bem, trabalho para a companhia real de óbitos e festas de recepção.

JUVENAL - Ah! E você vem por causa da morte do velho Joaquim José da Silva Xavier?

DIADORIM - E o velho Joaquim José da Silva Xavier morreu?

HORTELINO - (*Abrindo a janela*) - Eu ouvi bem? Meu pai morreu?

JUVENAL (*À parte*) - Meu Deus, não sei se foi assim o planejado. Bom, mas, fazer o quê? (*A Hortelino*) Meu caro patrãozinho Hortelino, aquele do queixo fino, é verdade, seu pai morreu.

HORTELINO - Meu pobre pai. Como? Como ele morreu?

JUVENAL - Bem, digo, quer dizer... Foi atropelado por uma carroça desgovernada, depois foi pisoteado por uma manada enfurecida de vacas leiteiras, depois atacado por um enxame violentíssimo de abelhas africanas e por fim morreu sufocado com um caroço de jabuticaba.

HORTELINO - Meu pobre pai! Meu pobre pai!

Num movimento repentino Hortelino bate o queixo fino na janela e solta urros de dor. Entra. Fecha a janela.

DIADORIM - Ele parece ter se machucado bastante.

JUVENAL - A dor na alma, contudo, parece que lhe abriu maior ferida.

DIADORIM (*À parte*) - E bater logo aquele queixo fino! Coitado!

JUVENAL (*À parte*) - E bater logo aquele queixo fino! Coitado!

DIADORIM - Com licença meu senhor, preciso cuidar dos proclamas.

JUVENAL - Só um minuto, o que é isto em seu peito?

DIADORIM (*À parte*) - Meu Deus! Esqueci de amarrar meus peitos... (*A Juvenal*) É maçã.

JUVENAL - Não acredito! Adoro maçãs!

Juvenal tenta pegar os peitos de Diadorim, que o detém.

DIADORIM - Acredite, eu preciso muito de maçã para realizar meu trabalho.

JUVENAL - Como assim?

DIADORIM - A maçã tem doses concentradas dum calmante natural chamado acalmantum tranqüilium.

JUVENAL - Acalmatum? Tranqüilium? Este eu não conhecia.

DIADORIM - E por acaso você conhece algum outro?

JUVENAL - Pois acredita que também a mando de meu patrão fiz outro curso intitulado Calmantes Vegetais, Leguminosos e Frutíferos.

DIADORIM - E você não conhece o afamado acalmantum tranqüilium?

JUVENAL - Não.

DIADORIM - Pois rasgue seu diploma, meu caro. Um especialista em calmante que não conhece o acalmantum tranqüilium me deixa muito intranquilo.

JUVENAL - Acalme-se, homem. Não é culpa minha. Hoje em dias as coisas evoluem muito rápido.

DIADORIM - Falando em rápido, preciso agir com urgência.

JUVENAL - Espere. Precisa de uma maçã para realizar seu trabalho.

DIADORIM - Exatamente.

JUVENAL - Mas tem duas.

DIADORIM - Duas? É mesmo, duas... É que... Uma maçã para cada óbito.

JUVENAL - E houve outra morte?

DIADORIM - Houve.

JUVENAL - De quem?

DIADORIM - De Diadorim, a filha do prefeito.

HORTELINO (*Abrindo a janela, com o queixo inchado*) - Eu ouvi bem? Minha amada Diadorim morreu?

DIADORIM - Morreu.

HORTELINO - Oh, vida bandida! Duas pedradas de uma só vez! Primeiro meu pai que, embora canguinha, era sangue de

meu sangue. Agora minha amada, meu maior tesouro, beleza incomparável, sem par. A musa de minha vida confusa. A rainha da beleza, que me afunda em tristeza!

DIADORIM (*À parte*) - Meu Deus ele me ama de verdade.

HORTELINO - Vou recitar novos versos em voz alta, para que, onde quer que ela esteja, ela receba meu amor: Diadorim / quero você pra mim // Abraçar teu corpo bonito / Veja, só de pensar isto quase grito // Minha amada imortal / meu amor por ti é sem igual.

DIADORIM (*À parte*) - Que belos versos! Cheios de erudição e volúpia. E como ele fica atraente com esse queixo inchado. Para mim agora ele é Hortelino Colosso, que tem o queixo grosso.

JUVENAL - Meu patrãozinho, venha aqui fora um instante porque você precisa tomar ar, ver o bosque, as tulipas, as margaridas, as rosas, as begônias, as orquídeas, os cravos de defunto. Essas coisas que aqui não faltam.

HORTELINO - Nunca!

JUVENAL - Nunca o quê?

HORTELINO - Nunca mais sairei do meu quarto, ficarei prisioneiro de mim mesmo.

Fecha a janela violentamente.

JUVENAL - O quê??? (*À parte*) Vou procurar Décio. Precisamos dar um jeito de ele sair do quarto. (*À Diadorim*) Com licença. (*Sai.*)

DIADORIM - Tenho que contar-lhe a verdade. Preciso dar um jeito de entrar no quarto. Tenho uma ideia. (*Sai.*)

CENA 9: JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER MORREU?

HÉRMIA - O que é aquilo? Um homem caído no chão. *(Ao cocheiro.)* Pare, por favor. *(Descendo do cavalo.)* Parece que está morto. Meu Deus, é Joaquim José da Silva Xavier. Senhor Joaquim, senhor Joaquim!

JOAQUIM JOSÉ - O que é isto, onde estou, que dor de cabeça, que fome. Eu, tão jovem, cheio de perspectivas, morrer assim, abandonado, entristecido e, sobretudo pobre...

HÉRMIA - Senhor Joaquim José, o senhor não está morto.

JOAQUIM JOSÉ - Minha filha, acredita em Deus?

HÉRMIA - Claro, senhor.

JOAQUIM JOSÉ - Pois bem, minha jovem, nas sagradas escrituras está escrito que devemos nos conformar com a hora derradeira. Que chegada a hora, o primeiro sinal das trombetas infernais seria ouvido e que homem algum da face da terra ficaria indiferente à sua presença.

HÉRMIA - Mas, senhor Joaquim José, que tal trombeta é esta?

Joaquim solta um estrondoso peido.

JOAQUIM JOSÉ - Ei-la!

HÉRMIA - E pela intensidade, senhor, estou começando a acreditar que estás realmente morto.

JOAQUIM JOSÉ - O segundo sinal viria em forma de vento e depois dele os homens que restassem seriam puros e os impuros morreriam sufocados por uma imensa nuvem de poeira fétida.

HÉRMIA - Espero que este segundo não venha e que por fim acredites que estás vivo.

Joaquim solta outro estrondoso peido.

JOAQUIM JOSÉ - Veio! Por céus, veio!

HÉRMIA - Continuando desta forma senhor, acho que quem vai morrer serei eu!

JOAQUIM JOSÉ - O terceiro sinal...

Hérmia agarra Joaquim José pelos ombros e o sacode.

HÉRMIA - Basta de sinais, de trombetas, de nuvens de poeira! O que o senhor precisa é de uma prova definitiva que, pelo menos por fora, estás vivo, embora eu deva confessar que na verdade estás um caco.

JOAQUIM JOSÉ - E que prova seria esta?

HÉRMIA - Existe, entre nós, alguém que percorreu os caminhos dos séculos, passando pelos corredores da sabedoria, chegando pelos infundáveis túneis do tempo a nossa cidade. E somente este alguém pode desvendar este enigma.

JOAQUIM JOSÉ - E quem é? Um sábio chinês? Um oráculo grego? Um deus romano?

CAVALO - Sou eu, o Cavalo com C maiúsculo.

HÉRMIA - Ó mestre, buscamos uma prova irrefutável que este senhor vive. Aponte-nos uma luz.

CAVALO (À Parte) - Minha santa ferradura! Confesso que continuo a não entender porque cavalo e burro podem ser sinônimos de ignorância e estupidez e homens e mulheres de inteligência e sensatez. *(Aos outros)* Mas vamos lá: digam-me: Qual é a mais indiscutível vantagem de um morto?

JOAQUIM JOSÉ - A de nunca empobrecer?

CAVALO - Não.

HÉRMIA - A de não ser iludido por amor não correspondido?

CAVALO - Também não.

HÉRMIA - Espere! Já sei!

CAVALO - Pois diga.

HÉRMIA - A grande vantagem de um morto é a de não morrer mais, pois só se morre uma vez!

CAVALO - Ótimo, garota. Um a zero pras mulheres. Mas isto revela apenas metade da resposta que vocês precisam. E esta pergunta vale dois pontos. Respondam-me: já que o morto não morrerá novamente, o que ele não sentirá?

JOAQUIM JOSÉ - Ele não sentirá fome?

CAVALO - Sentirá. Fome de viver.

JOAQUIM JOSÉ - Não sentirá raiva?

CAVALO - Raiva do que os que vivem fazem da memória dele!

HÉRMIA - Já sei! O morto, em função de não precisar mais se proteger, pois não morrerá novamente, não sentirá dor.

CAVALO - Eis exatamente onde eu queria chegar. Se o senhor estiver morto, significa que não sentirá dor.

JOAQUIM JOSÉ - E como poderemos averiguar isto?

CAVALO - Terei muito prazer em lhe ajudar. Sugiro que fique aqui, bem atrás de mim, com os olhos vendados e, se possível, um sorriso nos lábios.

JOAQUIM JOSÉ - Assim?

CAVALO - Agora, sugiro que dê um puxão em meu rabo.

JOAQUIM JOSÉ - Pra quê?

CAVALO - Ora, senhor, uma vez desafiados os instintos, nem a maior inteligência do mundo domina nossos atos.

JOAQUIM JOSÉ - Não entendi bem, mas em todo caso.

Puxa fraco.

CAVALO - Puxe mais forte, assim não há instintos que se afluem.

Puxa um pouco mais forte.

JOAQUIM JOSÉ - Assim?

CAVALO - Não, homem, puxe forte.

JOAQUIM JOSÉ - Forte?

CAVALO - É, bem forte.

JOAQUIM JOSÉ - Vamos lá.

Ele puxa. O cavalo dá um violento coice em Joaquim José.

HÉRMIA - Doeu?

JOAQUIM JOSÉ - E como! Acho que me arrancou dois dentes.

HÉRMIA - Estás banguela, caro senhor, mas estás vivo!

JOAQUIM JOSÉ - Sim, que maravilha, estou vivo! Vivinho da Silva Xavier! Viva! Vivo!

HÉRMIA - E se o senhor está vivo, algo muito estranho está acontecendo. Vamos comigo ao Rio de Janeiro buscar meu irmão. No caminho irei lhe contar coisas que devem muito lhe interessar.

Saem.

CENA 10: O MÉDICO.

DÉCIO - Juvenal! Juvenal! Onde estará esse animal? Deve estar namorando. Ou comendo. Ou namorando e comendo ao mesmo tempo. Juvenal! Ah! Aí está você, seu imbecil.

JUVENAL - Aqui estou.

DÉCIO - Precisamos tirar Hortelino, aquele que tem o queixo fino do quarto. Há três dias ele está enclausurado.

JUVENAL - Nesses três dias ele também não comeu nada?

DÉCIO - Nada. Raramente vai ao banheiro, não bebe água. Temo pela vida dele.

JUVENAL - Pois bem, tenho uma ideia. Podíamos chamar um médico para examiná-lo. Naturalmente o médico pedirá para ele sair, tomar um pouco de ar, com um pouco de sorte ele será levado a um hospital. Entraremos no quarto, pegaremos o dinheiro, você será o patrão e eu comprarei o dote de minha amada.

DÉCIO - Péssima ideia! Se não consegue ajudar, Juvenal, não atrapalhe! Tive uma ideia melhor: Vamos chamar um médico. Levá-lo para um tratamento intensivo. Estando no hospital, poderemos sedá-lo e fazer com que assine uma petição passando para mim o direito de ser seu pai, herdar esta casa e todos os benefícios que o casamento irá lhe trazer.

JUVENAL - Nossa, nunca vi uma ideia tão brilhante sair de sua boca.

DÉCIO - Caso este caso não se resolva logo, dentes brilhantes sairão da sua.

Batem a porta.

DÉCIO - Quem será?

JUVENAL - Vá abrir!

DÉCIO - Seu folgado, o primeiro empregado aqui sou eu, vá abrir você!

JUVENAL - Claro!

Juvenal sai. Barulho de porta se abrindo, alguns burburinhos lá fora.

DÉCIO - Quem é?

JUVENAL (de fora) - O médico.

DÉCIO - Já???

Entra novamente Juvenal, trazendo Diadorim, disfarçada de médico.

DIADORIM - Um bom médico consegue antever a doença.

DÉCIO - Qual a sua especialidade?

DIADORIM - Minha especialidade? Sou formado em paleontologia, com graduação em mecânica quântica, mestrado em ciência ocultas, doutorado em culinária e artes afins e me embrenhei no difícil ramo da cirurgia plástica, especialidade: queixo.

JUVENIL - Mas é perfeito! O menino Hortelino, que tinha o queixo fino, bateu o queixo na janela e agora o queixo dele está que é um testículo.

DÉCIO - Doutor, apesar de seu extenso currículo, precisamos apenas que você tire nosso paciente do quarto. Sabe como é, tomar um ar, o contato com o mundo exterior...

JUVENAL - Levá-lo a um hospital, aplicar-lhes sedativos para que possamos fazer-lhe assinar...

DIADORIM - Assinar o quê?

DÉCIO (*Pisando o pé de JUVENAL*) - Imbecil! (*Ao médico*) Ele disse ensinar... ensinar o garoto as delícias do mundo.

DIADORIM - Certo. Estava pensando exatamente nisto, em ensinar-lhe as delícias do mundo. Mas preciso ficar a sós com o paciente, para não atrapalhar o processo, entendido?

DÉCIO - Sim, mas vá rápido.

JUVENAL - E depois volte para examinar meu pé. Um minuto doutor: já não o conheço de algum lugar?

DIADORIM - Acredito que não. Sou de uma região desconhecida do mapa... das regiões desconhecidas do mapa.

JUVENAL - Meu Deus! Acabei de conhecer uma pessoa do mesmo lugar.

DIADORIM - Depois me apresente porque tenho muito prazer em encontrar conterrâneos. Quem sabe não é um parente.

JUVENAL - Pois olhando assim, podia jurar que ambos são a mesma pessoa...

DIADORIM - Ah! Meu amigo, depois de examinar seu pé, acho que examinarei seus olhos, porque parece que o senhor sofre de glaucoma, catarata, e princípio de cegueira.

JUVENAL - Pois então vá lá examinar o rapaz e volte logo, que já estou me sentindo mal.

DIADORIM - Pois sim!

DÉCIO - Espere.

DIADORIM - O que foi?

DÉCIO - O que é isto em seu peito?

DIADORIM (*À parte*) - Meu Deus! Me esqueci novamente.

JUVENAL - Santa ignorância: fica aí dizendo 'sou o primeiro empregado... sou o primeiro empregado' e não tem nem a decência de reconhecer um perfeito par de acalmantum tranqüilium quando vê um.

DÉCIO - Acalmantum tranqüilium?

JUVENAL - Depois lhe explico em detalhes. Agora temos mais o que fazer.

DIADORIM - Exatamente. Tenho mais o que fazer. Com licença.

Sai Diadorim.

DÉCIO - Ignorante, sim, às vezes. Mas rico! Muito rico!

JUVENAL - E eu o primeiro empregado. Quem será o segundo?

Batem a porta.

DÉCIO - Quem será agora?

JUVENAL - Quem será agora?

Olham-se.

DÉCIO - Anda, vá atender.

JUVENAL (À Parte) - Deixa estar jacaré, a lagoa há de secar!

Juvenal sai. Barulho de porta se abrindo, alguns burburinhos lá fora. Volta com Romeu do Romeu e Julieta do Galpão.

JUVENAL - É Romeu do Romeu e Julieta do Galpão, filho dos Caputecchio. Disse que estava procurando sua amada. Por isso teve uma constipação horrorosa e viu, por acaso, que um médico acabara de entrar aqui. Disse que ficou bastante interessado, que a vida é assim mesmo, as surpresas nos conduzem às maiores realizações. Disse-me ainda algumas outras frases de efeito, belas pela eloquência, mas de que não me recordo e nem conseguiria repetir se me recordasse. Assim, ele rapidamente veio e eu lhe disse que aguardasse a consulta aqui fora, contanto que nos pagasse cinquenta por cento sobre o total. Ele aceitou e prometeu esperar em silêncio. Não é isso mesmo, meu amigo?

ROMEU DO ROMEU E JULIETA DO GALPÃO - Ó, minha amada, minhas mãos tremem, minha perna fraqueja, meu coração por ti gela.

CENA FINAL: O AMOR VENCE NO FINAL.

DIADORIM - Então, é você o doente?

HORTELINO - Se, como disse o poeta, a tristeza /é uma doença /que fere a beleza, digamos que sim, sou eu.

DIADORIM - Ora, meu amigo, para quase todas as doenças há uma cura.

HORTELINO - Disseste bem, doutor: para quase todas. Para minha não. É o fim da minha jornada / a minha ferida não será curada.

DIADORIM - Posso ver tal ferida aberta abaixo de sua boca.

HORTELINO - A ferida que você não pode ver é que está me matando.

DIADORIM - E a que se refere tão hedionda ferida?

HORTELINO - Num dia só perdi o pai e o amor.

DIADORIM - Que tragédia!

HORTELINO - Há algum medicamento, um emplastro, um feitiço, uma simpatia que possa restabelecer meu estado de espírito?

DIADORIM - Quanto a seu pai, tudo que tenho a lhe oferecer são meus pêsames.

HORTELINO - Ai de mim!

DIADORIM - Quanto a Diadorim...

HORTELINO - Como sabe o nome de meu amor?

DIADORIM - O nome dela está estampado em sua cara...

HORTELINO - Onde?

DIADORIM - Mais precisamente na grossura desse queixo.

HORTELINO - E o que pode me oferecer para restabelecer a alegria em meu peito apaixonado?

DIADORIM - Temos um novo tratamento, importado dos países orientais, que consiste no seguinte: eu faço umas perguntinhas e você me responde.

HORTELINO - Só isso? Basta usar a língua?

DIADORIM - Num primeiro momento sim. Depois continuarás usando a língua, mas de um modo mais produtivo.

HORTELINO - Para ter de novo alegria, faria tudo com a língua!

DIADORIM - Então, use-a para me responder: como é seu amor?

HORTELINE - Ela é um anjo em forma de mulher.

DIADORIM - Fale-me de seus olhos.

HORTELINE - São pérolas em mar de doçura.

DIADORIM - Como os meus?

HORTELINE - Sim, exatamente como os seus.

DIADORIM - Fale-me de sua pele.

HORTELINE - Sua pele é mel, não é fel.

DIADORIM - Como a minha.

HORTELINE - Sim, exatamente como a sua.

DIADORIM - Fale de seus cabelos.

HORTELINE - Na verdade, ela tem os cabelos um pouco ralos e ressecados, como que apodrecidos e parece que com o tempo estarão caindo, sem falar no cheiro que...

DIADORIM - Vamos pular esta parte. Fale-me sobre sua boca.

HORTELINO - Sua boca é louca.

DIADORIM - Como a minha.

Beijam-se.

HORTELINO - Isso também faz parte do tratamento?

DIADORIM - Faz. Chama-se manipulação e êxtase.

HORTELINO - E para que serve?

DIADORIM - Para avaliar seus reflexos.

HORTELINO - Tipo bater o martelinho no joelho e ver se a perna sobe?

DIADORIM - Tipo bater o martelinho no joelho e ver se outra coisa sobe.

HORTELINO - Que coisa?

DIADORIM - A alegria! O entusiasmo! A vida!

HORTELINO - A única coisa que subiu foi meu pinto.

DIADORIM - Excelente! Vamos à terceira parte do tratamento. Chama-se nudez e introdução.

HORTELINO - Introdução a quê? À filosofia? À física quântica? Às ferramentas do universo em expansão?

DIADORIM - Introdução em mim.

HORTELINO - Pela resposta imediata de minha ereção, parece uma introdução muito interessante.

Diadorim realiza um strip-tease, ficando ao final de roupas íntimas.

DIADORIM - Meu amor, sou eu.

HORTELINO - Meu amor, você é um travesti?

DIADORIM - Ao contrário, meu amor...

HORTELINO - Um travesti ao contrário?

DIADORIM - O travesti sou eu!

HORTELINO - E quem é o médico?

DIADORIM - É o travesti.

HORTELINO - E quem é o travesti?

DIADORIM - Sou eu.

HORTELINO - E quem é você?

DIADORIM - Eu não sei! Não sei quem sou!

HORTELINO - Olha, independente de quem é você, eu vou é cair matando!

Começam a fazer amor de forma barulhenta. Décio e Juvenal vem até a porta do quarto para ouvi-los.

DÉCIO - Meu Deus, que consulta barulhenta.

JUVENAL - Nossa, agora parece que a respiração dele está um tanto mais ofegante.

DÉCIO - Realmente.

JUVENAL - A respiração do médico também está ofegante.

DÉCIO - Realmente.

JUVENAL - Ele devia ter avisado que iria operar o rapaz.

DÉCIO - E esse barulho agora?

JUVENAL - Parece que quebrou alguma coisa.

DÉCIO - Agora estão gritando.

JUVENAL - Será algum tratamento revolucionário?

DÉCIO - Do jeito que anda a medicina, é bem possível!

JUVENAL - Parece alguma espécie de regressão, agora parece que tem uma criança gritando.

DÉCIO - Espere, não é criança não... é uma...

AMBOS - Mulher!

JUVENAL - Uma mulher?

DÉCIO - Não havia mulher no quarto.

JUVENAL - Há algo de podre no reino da Dinamarca.

DÉCIO - E esse barulho agora? Parece que estão rasgando...

AMBOS - O colchão!!!

DÉCIO - Rasgando o colchão? Eles vão descobrir o dinheiro. Vamos invadir o quarto!

Arrombam a porta do quarto e todos se assustam muito. O dinheiro está saltando do colchão. Clima de tensão...

DÉCIO - Meu Deus... O que está acontecendo aqui?

Neste momento entram pela porta Hérnia e Joaquim José. Muita Tensão.

JOAQUIM JOSÉ - Meu dinheiro... O que está acontecendo aqui?

HÉRMIA (*vendo Romeu do Romeu e Julieta Do Galpão no quarto*) - Meu amado... O que está acontecendo aqui?

HORTELINO - Meu quarto... O que está acontecendo aqui?

ROMEU DO ROMEU E JULIETA DO GALPÃO - Ó... lua branca de fulgores e de encantos / se é verdade que ao amor tu dás abrigo / ó vem tirar do olhos meus o pranto / ó vem matar...

TODOS - Cala a boca!!!

Começa uma discussão entre os atores, que resulta numa briga física. Entram os acordes da música, eles param.

MÚSICA: ASSIM TERMINAM A HISTÓRIA DE UM AMOR

Assim terminam as histórias de amor
exatamente como a nossa
tem gente que finda feliz
e gente que afunda na fossa
mais profunda

que amor é força e vibra em combustão
reinventa nossa história
é preciso amar, amado ser
e ter pra sempre na memória
a mais vivaz face do amor

23. CENA: FINAL FELIZ? DÉCIO E JUVENAL. RUA.

JUVENAL - Pois bem, a história chegou ao fim.

DÉCIO - É a isto que chamam final feliz?

JUVENAL - Até que não foi de todo mal. Hortelino, que tinha o queixo fino, casou-se com Diadorim, embora ele ainda não saiba quem exatamente ela é. Hérnia queria obrigar Romeu do Romeu e Julieta do Galpão a casar-se com ela, usando como principal argumento o tamanho de seu irmão.

DÉCIO - Mas quem é afinal este maldito irmão da Hérnia que nunca apareceu na história?

Juvenal busca alguém da plateia.

JUVENAL - Eis o irmão da Hérnia. E foi o tamanho dele que imediatamente despertou o amor e Romeu do Romeu e Julieta do Galpão casou-se com ele. Toda aquela eloquência por fim só poderia dar nisto. Hérnia, ao que parece, encontrou um novo amor e de novo me dispensou. Dizem que seu novo amor é bastante inteligente. *(Som de relincho de cavalo)* Joaquim José, por sua vez, recuperou todo seu dinheiro, mas refutou sua tirania.

DÉCIO - Sim, mas e nós?

JUVENAL - Você eu não sei, mas como eu fui posto pra fora do emprego antes de você, eu agora sou o primeiro desempregado e você o segundo.

DÉCIO - Não, senhor! Fui eu!

JUVENAL - Quem dá ordens aqui agora sou eu!

DÉCIO - Eu.

Saem discutindo.

24. CENA: FINAL DEFINITIVO. MÚSICA. TODOS

Assim terminam as histórias de amor
exatamente como a nossa
tem gente que finda feliz
e gente afunda na fossa
mais profunda

que amor é força e vibra em combustão
reinventa nossa história
é preciso amar, amado ser
e pra sempre na memória
a mais vivaz face do amor

DRAMATURGIA DE JULLIANO MENDES

- 12ponto223b
- Amores e dores no país das flores
- Coração de Porco – Édipo em 4 estações
- Edvards e as Mortes
- Delírios de Will ou como chupar os ossos de Shakespeare
- Histórias nas Paredes
- Nelson Rodrigues
- O Queijo – Uma comédia sórdida
- Uma novela masculina
- Um homem jogado no sofá ou uma mulher que saiu por aquela porta

Projeto viabilizado com recursos da Lei Aldir Blanc/MG, através da Secretaria Estadual de Cultura e Turismo de Minas Gerais.

Download gratuito de todas as obras: www.jullianomendes.com
(Julliano com 2 L's)

CULTURA E
TURISMO



**MINAS
GERAIS**

GOVERNO
DIFERENTE.
ESTADO
EFICIENTE.

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



**PÁTRIA AMADA
BRASIL**
GOVERNO FEDERAL